

a Terra Livre

Periodico anarquista

O HOMEM LIVRE SOBRE A TERRA LIVRE

ANNO II — NÚMERO 30

ENDEREÇO: RUA MARIA DOMITILLA, 88 — SÃO PAULO (BRASIL)

2 de Abril de 1907

AINDA A FARÇA

Diversos escritores brasileiros de muito renome, entre os quaes Bilac e Verissimo, se têm revelado inimigos do Parlamentarismo e o ridiculizaram nas crônicas que costumam escrever nos jornacs do Rio. Mais uma vez, a nova farça ultimamente realizada em São Paulo, veio dar-lhes razão, e a nós, que daqui continuamente atacamos essa engrenagem pela qual sobem os pais da patria desejosos de locupletarem o estomago. Avultou nesta um certo Dr. Celso, opositorista *enragé*, amigo dos operarios, propugnador das ideias modernas e estremado campeão das casas proletarias.

Afanoso e suarento, revelando as disposições em que se achava de se sacrificar pela classe laboriosa, s. s. andou por aí fóra arêngando ás turbas pasmadas, expondo seu bellissimo programa. Avultou a conferencia de Santos. Ali s. s. se esqueceu de que os interesses dos patrões são opostos aos dos operarios e prometeu mundos e fundos a uns e a outros.

Mostrou interessar-se pelo commercio pela industria, pela lavoura, por... que sei eu? por tudo, enfim. Que ia fazer leis em prol do descanso dominical, das crianças que entisicam nas fábricas, das mulheres que trabalham, dos homens que sucumbem a enriquecer outros homens; disse da instrução aos operarios, citou o jardim da infancia, e se interessou pelos patrões, produzindo uma verdadeira mistura de grelos.

Foi eleito?

Não o sabemos e nos penaizariamos se não o fór, porque, se s. s. chegar a biscoitar o subsídio, desejamos vêr como se sairá do embrulho. Então tem a ocasião de mostrar aos tolos dos patrões que deram o voto, os re-

AMOR LIVRE E LIVRE UNIÃO

Estas duas expressões, que alguns amiude confundem ou apropriam mal em seus raciocínios empregando uma quando se deveria usar a outra, têm um significado muito diverso, pois que, em quanto a primeira — livre amor — se limita a indicar a condição de um sentimento, a outra — união livre — define a condição dum facto.

Mas esta diferença no sentido das duas expressões torna-se mais acentuada ainda, quando se pensa que não existe nenhuma relação rigorosa de dependencia entre uma e outra, porquanto póde existir *união livre sem livre amor*, e vice-versa.

Assim como, por exemplo, temos a união livre, sem amor livre, no facto de dois seres conviverem um com o outro por um tempo determinado ou indeterminado, sem contrato matrimonial e sem outro fim a não ser o interesse recíproco mais ou menos mascarado com um verniz de amor, assim temos, e mais vezes, o *amor livre sem livre união*, na plena correspondencia de afectos entre dois seres de sexo diverso, que se amam com toda a força

da sua paixão, sem que ninguem os estorve em nada, mas que, ou por intercessão de terceiros ou por um prejuizo moral, acabam por se unir com o contrato legal ou religioso.

Estabelecida assim a distincão, diremos brevemente o que se deve entender por amor livre e livre união.

Os que resolvem todas as questões de golpe, os que nem sequer comprehendem o significado das palavras de que fazem uso, nem das que indicam o assunto que trazem á balha, arranjam-se com quatro palavras: Amor livre? União livre? Immoralidade... prostituição... a mulher torna-se propriedade de todos, a familia dissolve-se, immoralidade, immoralidade! E com estas conclusões julgam ter cortado o nó gordio!

Mas, senhores; digo-vos que as soltas graudas. O amor livre não significa a apropriação comum da mulher, mas quer dizer: *a liberdade ilimitada para a mulher, como para o homem, de amar quem quiser, a liberdade de concentrar sobre uma pessoa, antes que sobre outra, todos os affectos*. Quer dizer noutros termos: subtrair-se á terrível tirania dos pais, dos parentes e dos seus substitutos, que querem impor-lhe um marido do gosto delles, para amar livremente o objecto dos seus sonhos.

E onde ha aqui immoralidade e prostituição? Immoralidade é quando se simula um amor que não existe, no intuito de lucro; é quando se obriga uma desgraçada a casar, sem amor, com um homem que ella aborrece, e a prostituição é quando uma mulher se vende por dinheiro. A immoralidade e a prostituição não consistem na *liberdade de amar*, mas na *coacção de amar* ou de fingir amar. E como, na maior parte das vezes que se casam fingem amar, por

interesse, o matrimonio que sanciona esta ficção, mostra-se como a expressão última da mais alta immoralidade.

«Seja — objectam alguns; — mas a união livre é peor ainda.» — E porquê? Vejamos: dois seres de sexo diverso querem bem um ao outro, amam-se, sentem um irresistivel desejo de viver juntos e unem-se, não vendo a necessidade de pedir para a execução da sua vontade licença a quem quer que seja: nem ao juiz, nem ao padre, nem aos pais, nem aos parentes. Que ha de anormal em tudo isto?

— Ha que a mulher, sendo livre de ficar ou de se ir, iria ora com um, ora com outro, tomando-se a cadela de todos.

— Mas se esta mulher me ama, se ella se uniu a mim por amor, se não podia viver separada de mim e sentia, como eu, o desejo irresistivel da união, como é possível que me deixe?

— Mas esse amor póde desaparecer. — Em casos bem raros, não o nego; mas póde desaparecer mais facilmente nas mulheres casadas, a maior parte das quaes casam por interesse. E então?...

— Nós, valendo-nos do direito concedido aos maridos, cortamos-lhes as asas e impedimos a sua partida.

— Peor ainda: pôr-vos-ão os cornos.

— E nós matamo-las.

— Isso, matais... para exigir depois da morte o amor que não pudestes obter em vida. Essa logica não faz mozza... na nossa mentalidade. Unicamente, seria preciso submetê-la á analyse do antropologo para ver... se é do vosso parecer.

— Mas, afinal, que fariéis vós, partidario da livre união, se vossa mulher quisesse ir com outro?

— Que faria? Abrir lhe-ia todas as portas e janelas, para que partisse voando.

— Na verdade?

— Decerto! que havia eu de fazer duma mulher que já não me ama? Não seria uma tremenda tribulação para mim e para ella, obrigando-a a ficar?

— E se ainda a amais, não vos parece que deve ser bastante dura tal separação?

— Por certo; mas que fazer? Obrigá-la a amar-me de novo é impossivel; condena-la a ficar encadeada a mim, sabendo que deixou de amar-me e que antes me aborrece pelo sacrificio que lhe imponho, havia de me parecer um peso ainda mais tremendo do que a separação. Por isso, só me restaria resignar-me a fazer todo o possivel para esquecê-la. Demais, não deveis esquecer que, quando a união é independente de todo interesse, sobre as verdadeiras bases do amor, os casos de separação não podem deixar de ser rarissimos, e, em todo caso, repito-vos que não se póde sair deste terrivel dilemma: ou a separação livre, ou os cornos.

Eu sou pela separação. E vós?
ORESTES RISTORI.

A Escola Livre

(A proposito do projecto de E. L. em Portugal)

Eis um titulo que ha de surpreender muita gente no nosso país, para a qual a escola é sinonimo de prisão e de castigo.

A *Escola Livre!*... Mas isto deve ser para a maior parte uma utopia de poeta e para o resto um disparate, que nem merece discussão.

Crianças, doidos, mulheres e criminosos, têm merecido o soberbo desprezo do homem, que se julga superior e desdenha deter a sua atenção no estudo das condições moraes e materiaes em que vivê essa grande multidão humana, que são como os párias duma sociedade em que elle só é a classe dirigente e pensante, nem sempre equivalendo ao seu orgulho, e muitas menos vezes correspondendo á justiça, que se arrogou como distribuidor.

Para a grande maioria dos homens, ainda hoje, apesar do muito que a consciencia humana tem melhorado na sua relatividade social, — quanto mais apertadas forem as prisões materiaes e moraes onde se guardam essas criaturas inferiores, melhores resultados futuros elle julgaria tirar para a propria felicidade.

Por isso a criança tem o collegio com todos os seus horrores e entre os collegios é tido como modelar aquelle em que a disciplina e a vigilancia são mais completadas pelo terror material, como pelo terror religioso.

Os doidos, pobres doentes cuja irresponsabilidade devia inspirar respeito e comiserção, ainda sofrem maus tratos e escarneos e não vái longe o tempo em que o hospital não era a casa de saude mas a casa dos supplicios.

As mulheres, que elle na sua soberania de macho não escolhesse para o seu gozo material, não tinham outro emprego senão o convento, a prisão, a vigilancia.

As que no casamento tinham acolhida encontravam no lar (no gineceu) uma prisão pouco menos asfixiante, e muito mais trabalhosa do que a clausural.

E para todas a religião, ainda hoje tida, não comió uma aspiração superior da alma, não como uma necessidade íntima de certos temperamentos ideologicos, mas como um *freio*, uma sujeição moral a juntar a todas as outras que fazem da mulher uma criatura irresponsavel. Inutil *freio*, tantas vezes tomado nos dentes e não obstando ás desvaídas fugas para fóra do caminho direito!...

Os criminosos, com todo o peso do crime, que degenerencias successivas lhes trouxeram por fatalidade de temperamento, tinham que sofrer porque fizeram sofrer, serem torturados porque torturaram, vingança odiosa de toda uma sociedade que se ofendera no seu comodismo.

Mas... os doidos, graças aos sabios e medicos especialistas, vão tendo um mais consciencioso tratamento.

Os criminosos tambem vão tendo muito quem por elles se interesse e tente mostrar que a sociedade não tem o

EMBORA COM REPUGNANCIA...

A UM PASQUIM DE PORTO ALEGRE

direito repugnante do castigo, mas tão somente o direito de se defender e preservar os fracos da companhia perniciosos desses atrasados, desses doentes mores, que se não de curar uns, melhorar outros, e outros por incuráveis ser utilizados assim, mas dando-lhes a maior soma de felicidade compatível com o seu estado de vigiados.

As mulheres também lá vão protestando, ainda timidamente, como colectividade, mas enfim uma parte consegue já libertar-se da rotina e embora menores e tuteladas perante o código, colocadas segundo a lei civil no plano inferior dos irresponsáveis, o que é certo é que vão progredindo e impondo-se á consideração irmanada do homem.

Só a criança é que continua a ser, salvo as excepções, educada como nos velhos tempos dogmáticos em que a vontade individual era tida como um defeito, que a todo transe era necessariamente espartado.

Lá diz o velho rifão: « a criança e o pepino torce-se de pequenino ». E as crianças, torcidas e retorcidas nas mãos inabéis dos educadores, seguem fatalmente dois caminhos — ou se submetem, se aleijam e deformam moralmente até chegar á hipocrisia móle dos centenares de criaturas que a cada passo topamos por ali, ou se tornam uns revoltados para os quaes a vida só traz pesares e atritos.

Para o critério português educar não é tornar a criança amavel, alegre, feliz e expansiva não é!

Para grande parte dos educadores, ainda hoje, educar é aborrecer, contrariar, tornar bem patente o despotismo autoritário. O ideal da educação tem sido convencer a criança que o estudo é um castigo que Deus põi nas mãos dos pais e dos professores, como lhes pôs a palmatoria. É a velha teoria teocrática de que o homem vem ao mundo para pagar culpas que não cometeu. E assim o trabalho foi convertido em condenação e expiação, em vez de ser transformado em pura fonte de gozo e alegrias saudáveis.

A criança pergunta, na sua insaciavel sede de tudo aprender, ella, coitada, que nada sabe e nada comprehende!

— A criança é considerada maçadora e curiosa, incorrigível, e mandada fechar no mais absoluto silencio!

A criança gosta de ler coisas que lhe prendam a imaginação mal desperta; vê illustrações que lhe falem aos olhos e ao espirito: rabiscar os desenhos que realizam o sonho das suas almas ingenuas e primitivas?!

— O professor e os pais retiram-lhes logo com enfado esses motivos de alegria espiritual e mandam-nas autoritariamente para o livro de leituras official, para o caderno da escrita e dos problemas, para o desenho do compendio, — necessarios para o exame!

Porque o exame, o terrivel exame, está sempre suspenso sobre a cabeça da criança como uma ameaça terrivel... como o dia do julgamento para o criminoso. Vai-se para lá um pouco inconscientemente e sem se saber bem o que vão procurar, e volta-se de lá, « se calhou bem », com o alivio de quem tomou um remedio e com a ideia firme de fechar os livros sobre estudos que já não são precisos — porque o exame está passado.

E assim, de disciplina em disciplina, a criança vai fechando com raiva, a cada exame feito, a materia estudada « para cumprir », chegando-se por este modo ao fim do curso sem nada saber do principio.

E como não ha de existir o horror ao estudo se a criança tem como pronta ameaça quando faz qualquer maldade, o colegio e a escola?!...

Foi assim que a escola se converteu... em presidio.

Parece que a alma negra de uma legião de inquisidores anda por ahi encarnada nas pessoas dos pais e dos mestres, a torturar e a aleijar as pequenas almas em formação.

ANNA DE CASTRO OSORIO.

PARA OS REVOLUCIONARIOS RUSSOS

A. Gigli (Santa Rita de Passa Quatro)	1\$000
Svoboda (S. Paulo)	10\$000
Somma	11\$000
Enviamos 15 francos, equivalentes a	9\$300
Resto	1\$700

Nós amamos a discussão, ainda que não seja muito erudita e profunda. Certamente, preferimos que a critica ás nossas ideias seja feita com profundidade de vistas e conhecimento de causa, que nos oponha objecções e dificuldades sérias, pois que não estamos empenhados em defender a anarquia como um padre defende a Igreja que lhe dá um bom modo de vida, mas sim porque consideramos como a melhor solução do problema social a solução socialista-anarquica, que repudiariamos se a sua falsidade ou impraticabilidade nos fosse demonstrada — como repudiámos outras ideias que, entretanto, nos garantiriam a estima da maioria dos nossos semelhantes e as boas graças dos satisfeitos e dos cretinos...

Temos todo o desejo de submeter a anarquia á verdade, e não vice-versa, e por isso a expomos aos golpes perigosos, á luz intensa da critica. Preferimos, pois, a discussão séria e consciente; mas não desprezamos a critica banal, de logares comuns, se é de boa fé e sincera.

Mas que fazer, se encontramos na nossa frente, um ataque em que se confundem, em grandes doses, a ignorancia, a má-fé, o descaramento e todos os sentimentos policiescos, como o que nos é feito por um vil pasquim de Porto Alegre — « A Democracia », ou antes, « Burrocracia »?

O argumento que a *Burrocracia* esgrime melhor contra a anarquia é aquelle que celebrizou a Inquisição e todos os detentores de autoridade: a denuncia, a policia. A cada passo invoca contra os anarquistas a intervenção da violencia policial: que a policia é des-cuidada, que deve tomar providencias, que é preciso extinguir a lepra anarquista.

A sua concepção do anarquismo é a dos policias e jornalistas burgueses: os anarquistas são feras, monstros, doentes que só querem matar, trucidar, á tantos encontram em seu caminho homens, mulheres e crianças. De Reclus, esse é um genio, mas, por isso mesmo, segundo Lombroso, um desequilibrado... O autor duma obra tão harmoniosa, tão justa em suas proporções, tão completa, san e equilibrada, era amalucado... E o cretino da *Burrocracia*, que, por isso mesmo, se julga normal, sente-se compensado e esfrega as mãos de contente...

Perante tal immundicia, o primeiro impulso é para não responder. O asco sufoca-nos: pensamos que estes miseraveis são desgraçados, lamentaveis frutos dos males que combatemos, mas não importa, o asco sufoca-nos. Mas a anarquia luta contra innumerables prejuizos, é muito ignorada ou deturpada, choca em todos os campos a rochada opiniões já feitas a martelo. Todas as criticas contra ella encontram quem as tome a serio. Basta para lá uma cavalgada se ponha a escoicear, com ares de importancia, zurrando que detroi o anarquismo com um um sop das suas ventas (é esta, com efeito, a pretensão dum tal Cavaco, pobre diabo da *Burrocracia*) para que muitos o creiam. E' preciso responder. Resignemo-nos.

A *Burrocracia* acumula contra nós uma montanha de sandices e de infamias, durante varios numeros; mas nós temos de resumir.

Patadas da « Burrocracia »

« Os anarquistas pregam contra toda e qualquer organização regular, desde a familia á colectividade geral ».

E' falso. Os anarquistas querem a substituição da actual organização por outra que redunde em proveito de todos, de cada um, e não duma só classe. O que elles combatem é a organização autoritaria, achando que « autoridade » e « organização » são dois termos que se negam; a primeira é o joio, o parasita, o verme roedor da segunda.

Os anarquistas acham que a verdadeira organização é aquella em que o interesse individual se armoniza, se confunde com o interesse social, em que o interesse dum é o de todos, em que a sociedade existe verdadeiramente para o bem de cada um; e que hoje o in-

dividuo é sacrificado á sociedade (á patria, ao Estado) como se esta não fosse composta daquelles — isto é hoje exige-se o sacrificio da maioria a uma abstracção que vem a ser, afinal, os

Sobre a propriedade

« Que a propriedade, porque é um roubo, deve ser abolida, — é axiomático para os anarquistas ». E para ti não é, ó Xavier da Costa? Parece que não, apesar do lemma, certamente incomprehendido, que aparece no cabelhalho da *Burrocracia*. Acusa alguns anarquistas de serem proprietarios, e deste modo indica que, segundo elle, os anarquistas querem a renúncia cristã, a simples mudança de proprietario. Mas um tal Carlos Macchi (deve ser *macchia*, isto é, mácula, nodoa) acode: os dois, em vez de atirar coices na mesma direcção, escoiceiam-se reciprocamente. O Carlos Nodoa (o mesmo que, sendo presidente duma associação operaria, devolve a *Luta* com este estúpido motivo: « a sociedade não é anarquista » — que não será parafraseado para a devolução dum jornal burguês...), o Mácula, diziamos, esse acha que os anarquistas são partidarios do *pilha-pilha*: está uma pessoa, posta em socego, em sua casa, e vem outra e diz: Fóra de aqui, que isto agora é para mim! Não é asno?

Os anarquistas, como os outros socialistas, querem a substituição da propriedade particular pela propriedade comum ou colectiva do solo e de todos os meios de produção. Querem abolir a propriedade, ó Mácula, ó cavalgada, e não a posse, o uso, o gozo, o usufruto. A propriedade, que elles querem abolir — precisamente porque se acha abolida hoje de facto para a grande maioria e porque querem estender a todos a posse — a propriedade que elles querem abolir é o direito que tem o proprietario de usar e abusar, de cultivar ou deixar inculto o solo (ao lado dos famintos), de deixar activos ou inactivos os instrumentos de trabalho e os braços dos homens, que, dependendo das coisas de que vivem, dependem, por causa dellas, dos homens que as possuem e monopolizam.

Girandola final!

Voltaremos ainda a falar das patadas e infamias da « Burrocracia », se tivermos tempo, paciencia e espaço. Hoje fechamos com o aspecto comico.

A « Burrocracia », diz-se, parece incrível, mas...

O neo-malthusianismo

Usando da sua requintada má fé, burrocrata-mor apresenta o neo-malthusianismo, sem o discutir, como coisa definitivamente condenada por todos, sabios ou não, e só propugnada pelos anarquistas. Ora, se nem todos os anarquistas são neo-malthusianos, são muitas pessoas de todas as ideias, e até sisudos sabios, como Mantegazza, senador italiano e professor de antropologia. Do neo-malthusianismo, tencionamos falar numa serie de artigos, tanto mais que a questão foi levantada por um artigo de Alceste De Ambry, ex-director do *Avanti!*, e por outro que essa mesma folha publicou ultimamente — bem debil resposta ao do seu ex-director, mas que teve a sorte (má sorte!) de agradar á *Burrocracia*.

Para a *Burrocracia*, malthusianismo é o mesmo que neo-malthusianismo.

O engraçado é que o sandeu da *Burrocracia* ainda acha as receitas malthusianas « dignas de ser usadas por mulheres cuja conservação da vida impõe a não concepção ou... por meretrizes ». Não é já alguma coisa? E se com ellas se evitasse a geração de cretinos da laia dos « burrocratas » — seria uma boa limpeza!

